Visibilidades e (R)existências

ISSN: 1980-0614

Volume 14, Nº 04, 2019

REVISTA X

APRESENTAÇÃO: EXISTIMOS E RESISTIMOS!

Héliton Diego LAU (UFPR)

O dossiê da *Revista X* da UFPR desta edição de 2019, volume 14, número 4, contempla trabalhos pautados em Linguística Aplicada versando sobre áreas transdisciplinares como: raça, gênero, sexualidade, surdez, cegueira e linguística *queer* em meio a um contexto sócio-histórico-político crítico no qual tais temas podem ser silenciados (ou até censurados), pois a pesquisa, segundo o governo vigente, não deve abordar "questões ideológicas". Entretanto, em direção contrária a ideologias governamentais, mas voltada aos anseios de uma grande parcela da sociedade que existe e que resiste, o dossiê traz na capa a imagem de Umatheusa (lê-se "uma deusa"). *Drag queen*. Negra. Gay. Fotografada por Alexsandro Moura Tontini e Héliton Diego Lau em frente ao Palácio Iguaçu, Curitiba, Paraná. Neste âmbito, os parágrafos seguintes são um pequeno relato advindo da própria *drag queen*:

> A Umatheusa nasceu quando eu comecei a me expressar artisticamente. Eu me apropriei da arte *drag* para exteriorizar, ilustrar minha personalidade. Então, apesar de um nome diferente quando estou montado, eu ainda sou o Matheus, eu ainda estou mostrando como eu me sinto, a minha verdade, e a mensagem que eu tento passar é que a gente pode ser o que a gente quer ser e se apresentar da forma que a gente quer, se apresentar independente do horário. Uma das minhas missões na arte *drag* é não levar essa mensagem de que a gente vive só à noite. Toda a comunidade artística e toda a comunidade LGBTQI+ não é noturna. A gente não precisa ficar só na noite, na boate e habitar esses ambientes apenas. A gente pode habitar o lugar que a gente quiser, se apresentando da forma que a gente quiser, sendo verdadeiro consigo mesmo, com as outras pessoas e com a sociedade.
>
> Eu comecei a marcar presença montado, inicialmente, nas baladas, porque era um lugar onde eu me sentia seguro e confortável, mas, atualmente eu procuro habitar outros lugares. Eu procuro frequentar panificadoras, independente do horário, parques, sair com os meus amigos montado, sim, porque é a pele que eu habito que mais me faz sentir confortável. Então, eu procuro fazer isso durante esses horários e habitar lugares onde ninguém espera por uma *drag queen*, porque é essa minha missão: de ser verdadeiro comigo e com a sociedade, independente do horário.

Assim como Umatheusa que não vive só à noite e não habita apenas lugares noturnos, levando em conta o cenário brasileiro de retrocessos no qual estamos sendo inseridos cotidiana e paulatinamente – e, muitas vezes, bruscamente –, o local da

fotografia marca o lugar político de habitação de um aglomerado amplo de comunidades, especialmente as que estão presentes neste dossiê. Assim, a aparição e o ato de fotografar uma *drag queen* com essa identidade em um local como o local em questão durante o dia – não oculto, à vista de qualquer transeunte –, rompe com uma série de estereótipos criados sobre as *drag queens*, inclusive relacionados à sua própria fisionomia: barba, pelos, cabelo natural, expressando a si mesmo e a arte da comunidade LGBTQI+.

Umatheusa habita lugares que ninguém espera encontrar uma *drag queen*. Da mesma forma, é habitual esperar uma *drag queen* ocupando espaço como sendo capa de um periódico, não apenas de maneira artística, mas política, trazendo visibilidade e (r)existência para todas as minorias.

Outrossim, o intuito da imagem, dos dezesseis artigos científicos e da entrevista que compõem este dossiê é possibilitar reflexões sobre a valorização de gestos político-simbólicos de visibilidades e (r)existências para que a sociedade perceba, respeite e questione as diferentes e diversas identidades que uma pessoa decide ou é levada a assumir nos contextos e espaços sociais, seja pela sua identidade racial, de gênero, sexual, se o sujeito é surdo e/ou cego. Em outras palavras, torna-se cada vez mais urgente e necessário enunciar e (re)lembrar que as minorias (r)existem. A seguir, apresento uma visão geral dos textos que você lerá neste dossiê.

Héliton Diego Lau, da Universidade Federal do Paraná (UFPR), entrevista Rodrigo Borba, professor do Departamento de Letras Anglo-Germânicas e do Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). A entrevista retrata a questão da Linguística *Queer* a fim de promover um panorama a respeito de um aglomerado significativo de dúvidas existentes nesta área na Linguística Aplicada.

O artigo *Social identities of black females in English-language textbooks used in Brazil and Cameroon: intersectionalities of race, gender and social class*[1], de Aparecida de Jesus Ferreira, da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), discute a representatividade das identidades sociais da mulher negra e suas intersecções em livros didáticos de língua inglesa utilizados no Brasil e em Camarões. A autora participou de um projeto envolvendo universidades dos dois países e fez um mapeamento de pesquisas em livros didáticos de língua inglesa e identidades sociais da

[1] Identidades sociais de mulheres negras nos livros didáticos de língua inglesa do Brasil e de Camarões: interseccionalidades de raça, gênero e classe social.

mulher negra entre o período de 2011 a 2018 refletindo sobre como são representadas as identidades da mulher negra no Brasil em relação à mulher negra, ao homem branco, ao homem negro e à mulher branca.

A abordagem do discurso conservador sobre políticas de ações afirmativas para negros nas universidades por uma perspectiva de análise bakhtiniana, de Daiane Quadros, da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), traz uma análise dialógica de discursos presentes em dois vídeos dos intelectuais conservadores Luiz Felipe Pondé e Olavo de Carvalho. Os vídeos postados no *YouTube* expõem argumentações sobre a posição contrária às políticas de cotas raciais no ensino superior.

Aline Nascimento Barbosa, da Universidade Federal do Paraná (UFPR), traz em *"É normal não ser representada": o aprendizado de inglês por uma estudante lida como negra no cenário universitário* relatos individuais de uma estudante negra do Curso de Letras Português-Inglês apresentando reflexões e posicionamentos acerca do papel da raça e da classe social, juntamente com sua trajetória como aprendiz de língua inglesa.

A linguagem não-binária na língua portuguesa: possibilidades e reflexões making herstory, de Héliton Diego Lau e Gabriel Jean Sanches, ambos da Universidade Federal do Paraná (UFPR), reflete sobre uma (nova) forma de linguagem aplicada na língua portuguesa em que possibilita a leitura de textos sem marcações exclusivamente oriundas de uma perspectiva binária de escrita. Para realização desta pesquisa, os autores entrevistaram uma pessoa que se identifica como não-binária. Utilizando este tipo de linguagem durante a escrita do trabalho, os autores mostram uma forma diferente de apresentar a estrutura do próprio texto da pesquisa em questão percorrendo criticamente discursos de um *reality show*.

Maria Lígia Freire Guilherme, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), apresenta *Reflexões sobre a identidade de pessoas trans em notícias* online: *uma análise do conteúdo temático* por meio de uma análise dialógica do discurso do decreto nº 8.727/2016, que regulamenta o uso do nome social por pessoas trans em órgãos públicos federais e de dez notícias sobre o assunto em questão.

Bruno Franceschini e Antônio Fernandes Júnior, ambos da Universidade Federal de Catalão (UFCAT), analisam quatro reportagens sobre três travestis doutoras em *A educação como cuidado de si: práticas de liberdade dos corpos infames*. A partir das contribuições foucaultianas do discurso, os autores discutem as práticas do cuidado de si por meio da educação pelo sujeito travesti.

Identidade, gênero e transgeneridade: a construção do ser-mulher no videodocumentário "Laerte-se", de Ana Luiza Cordeiro e Nívea Rolling, ambas da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), analisa os discursos sobre o ser-mulher trans no videodocumentário *Laerte-se*. No *corpus* analisado, as autoras apontam para quatro eixos de centralização: o íntimo, o privado, o profissional e o ficcional revelando as construções identitárias do ser-mulher trans do sujeito Laerte.

O trabalho de Ismar Inácio dos Santos Filho, da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), *O corpo em cenas iniciais de (re)construção da sexualidade entre homens: uma perspectiva* queer *de leitura*, analisa cenas de uma telenovela de dois homens adultos com o objetivo de entender como a enunciação corporal, em seus recursos semióticos participa do desalinhamento da sexualidade.

Carla Simone Silva, da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), traz em *Identidades: relação entre as masculinidades, gênero e violência*, uma análise das práticas discursivas de homens apenados pela Lei Maria da Penha, em razão da prática de violência doméstica e familiar contra a mulher que foram encaminhados para um grupo reflexivo, de acordo com os artigos 35 e 45 da mesma Lei. Neste artigo, a autora indica a importância do trabalho de grupos reflexivos de homens para o enfrentamento da violência contra a mulher como desconstrução e ressignificação de masculinidades relacionadas à violência heteronormativa e patriarcal, apresentando outras possíveis masculinidades e formas de solução de conflitos.

Neoliberalismo, mídias de massa e homossexualidade(s) são os três conceitos-chave na sociedade contemporânea que se entrecruzam e influenciam na educação linguística. Daniel de Mello Ferraz, da Universidade de São Paulo (USP), em *Visibilidade LGBTQIA+ e educação linguística: por entre os discursos de ódio, aceitação e respeito* explica que a sociedade é levada a aceitar e não a respeitar a homossexualidade. O autor também aponta os desafios existentes na formação do professor de línguas que deseja discutir com seus alunos os temas sobre homofobia, diferença e respeito.

Atos de fala sobre gênero e sexualidade: a necessidade do contradiscurso, de Deleon Betim e Bernardo Ozorio Iurk, ambos da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), traz uma reflexão em que os autores discutem os atos de fala heteronormativos, misóginos, homofóbicos e transfóbicos por meio da performatividade a fim de denunciar, refletir acerca dessa polêmica e apresentar um contradiscurso possível e necessário para romper a normatividade.

De maneira dialógica, o artigo *Ney Matogrosso entre Butler e Foucault: sobre sujeitos e subversões de identidades*, de Éderson Luís Silveira e Anísio Batista Pereira, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) respectivamente, analisam fragmentos de uma entrevista de Ney Matogrosso publicada na revista *Rolling Stone* em 2011. No artigo, os autores percorrem criticamente alguns discursos do ator e cantor em questão sob inspiração no aporte teórico de Butler e de Foucault, utilizando, para isso, conceitos como performance e relações de poder.

Filhos ouvintes de pais surdos: linguagem, identidade(s) e escolaridade é o título do artigo de Eliziane Manosso Streiechen, Gilmar de Carvalho Cruz e Cibele Krause-Lemke, da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), que abordam questões identitárias, linguísticas e escolares. As autoras e o autor afirmam que a maioria dos filhos ouvintes torna-se bilíngue e "intérprete" de seus pais e isso pode gerar certas dificuldades na aquisição da linguagem escrita, bem como problemas emocionais e sociais.

A colaboração na aprendizagem de escrita das línguas de sinais (ELiS): o que pensam alunos ouvintes sobre o trabalho em pares?, é o título do trabalho de Guilherme Gonçalves de Freitas, Francisco José Quaresma de Figueiredo e Artur Moraes da Costa, da Universidade Federal de Goiás (UFG), onde são apontados os benefícios da aprendizagem colaborativa durante a produção de textos escritos em ELiS com seis alunos ouvintes do curso de licenciatura em Letras Libras da UFG.

Simone de Fátima Colman Martins e Francisco Calvo del Olmo, da Universidade Federal do Paraná (UFPR), assinam o texto intitulado: *Exclusão das pessoas cegas: da eliminação nas sociedades antigas à hostilização nas universidades atuais, o que mudou?*, sendo o seu *corpus* entrevistas de grupo focal e entrevistas individuais semiestruturadas com nove jovens da Associação de Pais e Amigos do Deficiente Visual em Ponta Grossa (APADEVI/PG). Destes jovens, cinco são universitários e quatro apresentam-se como futuros participantes de vestibulares em um período posterior às entrevistas; seis são cegos e três possuem baixa visão. No artigo, a autora e o autor apresentam a complexidade do processo avaliativo e trazem revelações acerca de angústias e de realizações vivenciadas pelos jovens nos ambientes acadêmicos.

Inclusão, interação e deficiência visual: um relato de duas experiências no processo de ensino-aprendizagem com cegos, de Sweder Souza e Juscelino Francisco do Nascimento, da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e da Universidade Federal

do Piauí (UFPI), propõe um debate crítico-reflexivo do processo de ensino-aprendizagem de deficientes visuais, baseados nas questões de inclusão e de interação. Das experiências retratadas no artigo, uma é vivida no âmbito do projeto *English for Blinds* e outra no curso de Letras Inglês da UFPI, na modalidade EaD, no polo de Cano do Buriti.

Finalmente, considerando a abrangência e a qualidade dos trabalhos apresentados, agradeço imensamente a cada autora, cada autor pelas contribuições com este dossiê tão significativo e ao mesmo tempo articulado aos atos de pensar e de (re)ler o cotidiano no qual vivemos momentos de incertezas e inseguranças. Através da leitura e das reflexões, todos os textos trazem mais visibilidade e (r)existência através de seus temas de pesquisa. Agradeço também às pessoas responsáveis pela *Revista X* que cederam este espaço oportunizando aprofundar discussões tão urgentes e necessárias.

Boa leitura!

O organizador.